

**Actas**  
do  
**XV Encontro Nacional**  
da  
**Associação Portuguesa de Linguística**  
(Faro, 29-30 de Setembro e 1 de Outubro de 1999)

Organizadas por:  
RUI VIEIRA DE CASTRO  
PILAR BARBOSA

Vol. II

Braga  
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA  
2000

## IMPERFEITO PORTUGUÊS E CONDICIONAL FRANCÊS: VALORES MODAIS

OTÍLIA DA COSTA E SOUSA

(Escola Superior de Educação de Lisboa)

SÍLVIA ARAÚJO

(Universidade do Minho)

### Introdução

O trabalho que se segue faz parte de um projecto mais vasto de descrição das categorias *tempo* e *aspecto* em português europeu. Face à multiplicidade e heterogeneidade das formas linguísticas que realizam, nesta língua, as categorias supra citadas, tivemos de restringir o nosso objecto de estudo: optámos por apontar, num primeiro momento, no âmbito de uma abordagem semântico-enunciativa, a invariância de funcionamento do pretérito imperfeito do indicativo, e procurámos, a seguir, comparar os seus usos com os do condicional. Para proceder à análise contrastiva destes dois tempos verbais, recorreremos ao quadro teórico das Operações Predicativas e Enunciativas de A. Culioli.

Este estudo tem, por conseguinte, um duplo objectivo:

- (i) apresentar as operações que subjazem aos dois tempos verbais acima mencionados;
- (ii) comparar os usos e valores do imperfeito com os do condicional.

### Construção de ocorrências

Começamos por uma observação que à primeira vista pode parecer trivial. Importa lembrar que, de um modo global, existe uma profunda dissimetria entre dois modos de construção das situações:

- um em que a situação (presente ou passada) se inscreve no tempo, relevando do factual;
- outro em que a situação é construída como relevando da pura representação do sujeito, independentemente de qualquer carácter factual.

Repare-se que esta diferença pode ser veiculada em estruturas muito próximas:

- (1) a. gostei de estar contigo  
b. gostava de estar contigo

Enquanto em (1a), a situação ( $T_2$ ) se inscreve no tempo, tendo valor de diferenciação em relação a  $T_0$ , em (1b), a situação ( $T_2$ ) é do domínio do desejado, dado que existe um hiato entre  $T_0$  e  $T_2$ <sup>1</sup>.

Note-se que os dois modos de construção podem coexistir:

- (1) b'. gostava de estar contigo, mas estou a trabalhar

(1b') é um exemplo de como, num mesmo enunciado, é possível uma construção de natureza modal que releva da pura representação de um sujeito *gostava de*<sup>2</sup> ou uma construção inscrita no tempo relevando do factual *estou a trabalhar*. *Gostava de X* corresponde a escolher um valor na classe dos possíveis para o domínio nocional em questão<sup>3</sup>. *Estou a trabalhar* marca a construção de uma ocorrência de X, atribuindo-lhe determinadas características, neste caso, uma situação em curso em relação a  $T_0$ , i.e., não estabilizada.

#### Imperfeito/condicional

Retomemos o exemplo que despertou o nosso interesse por esta problemática (uma tabuleta à porta de uma pastelaria, com um cão desenhado e com a seguinte inscrição):

- (2) a. eu gostava de entrar

*Gostava de* corresponde a um constructo nocional, i.e., a relação predicativa não é validada existindo um hiato entre a fonte enunciativa e o momento da validação. Este tipo de localização é de natureza modal, dado que corresponde à construção de «uma distância não cronológica, entre a situação de enunciação origem e a situação do acontecimento linguístico» (Campos 1998: 104). O sujeito do enunciado dos valores possíveis escolhe p, para o co-enunciador a situação é apenas válida, i.e., a sua relação com p não está estabilizada. Face à construção de p pelo enunciador cabe ao co-enunciador validar ou não validar p, i.e., o co-enunciador tem a última palavra no espaço enunciativo intersujeitos.

O primeiro facto que nos surpreendeu prende-se com a tradução do enunciado em francês. Como se verifica em (2b), o imperfeito em português é traduzido pelo condicional:

- (2) b. J'aimerais entrer

O segundo, foi verificar que, neste contexto, em português, o imperfeito pode comutar com o condicional, enquanto em francês, o condicional não pode comutar com o imperfeito:

- (2) a. Eu gostava de entrar (na pastelaria).  
a' Gostaria de entrar.  
b. J'aimerais entrer.  
b' J'aimais entrer.

Em situação de interlocução, com o chamado imperfeito de delicadeza, constatamos que as restrições de comutabilidade também se verificam:

- (3) a. A: O que é que a senhora queria?  
B: Queria um pão.  
\*Queria um pão  
  
b. A: Qu'est-ce qu'elle voulait, la petite dame?  
B: Je voudrais une baguette.  
\*Je voulais une baguette

É consensual que a relação intersubjectiva entre enunciador e co-enunciador é susceptível de modulações em graus diversos. Como se pode ver pelo exemplo (3a), em português, quer o vendedor, quer o cliente utilizam o imperfeito. Em francês (3b), a distância intersujeitos pode ser marcada pelo jogo dos pronomes pessoais e pelo uso dos tempos verbais. No enunciado construído por A, verifica-se uma deslocação no sistema da pessoa (*elle=vous/tu*) que acarreta uma translação no sistema temporal, não representável linguisticamente pelo condicional:

- (3) b'. A: \*Qu'est-ce qu'elle voudrait, la petite dame?

No enunciado (3b) construído pelo enunciador B, recorre-se ao condicional, que se substituído pelo imperfeito gera não aceitabilidade.

Neste tipo de contexto, em francês só é aceitável o imperfeito que Wilmet (1983) designa de "forain".

Num outro contexto de interlocução em que a relação intersujeitos é de natureza diferente, constatamos que o emprego atenuativo do imperfeito<sup>1</sup> na primeira pessoa é natural:

- (4) a. je voulais vous demander un petit service  
b. je venais vous demander si vous ne pouviez pas baisser un peu le son

- (5) a. queria pedir-lhe um favor  
b. vinha pedir-lhe se podia baixar um pouquinho o som

Nas duas línguas, neste contexto, utiliza-se o imperfeito/imperfeito. Com a utilização do imperfeito, assiste-se a um movimento do enunciador para fora da situação enunciativa, verificando-se uma dissociação entre o dito e a situação de dizer. A utilização deste tempo verbal permite, por um lado um eventual movimento de "recuo" e, por outro, manter a ilusão do não actual na actualidade inegável da situação face a face (Sousa 1999).

Enunciador visa p	p	p'
sem afastar p'	baixar o som	não baixar o som

Co-enunciador p ou p'

Em francês, uma variante possível para (4) seria:

- (6) a'. je veux vous demander un petit service  
b'. je veux vous demander si vous ne pouviez pas baisser un peu le son

Importa salientar, contudo, que sequências do tipo de (6) não são utilizadas. De facto, estas adquirem, devido às propriedades inerentes a *vouloir*, e à sua construção no presente, um valor modal inaceitável: dado que este corresponde, claramente, a uma ordem, a presença de  $S_0$  torna-se demasiado impositiva e invasora do espaço do co-enunciador, i.e., ocupa todo o espaço enunciativo, negando assim oportunidade de afirmação do co-enunciador.

Do mesmo modo, em português a utilização do presente do indicativo em (5), seria sentido como muito rude, precisamente porque, do ponto de vista da relação intersujeitos, equivaleria a negar espaço enunciativo ao co-enunciador. Mas se a utilização do presente seria demasiado invasiva do espaço interenunciativo, a utilização do condicional geraria inaceitabilidade da sequência:

- (5) a\*quereria pedir-lhe um favor  
b\* viria pedir-lhe se podia baixar um pouco o som

Por hipótese, adiantaríamos que quer na manifestação de um desejo, quer num movimento de delicadeza/atenuação o que se verifica é que  $S_0$  não aparece como o construtor de p. O papel do enunciador limita-se a distinguir p de p', apagando-se face a um outro sujeito ou a uma situação sobre a qual não intervém (por não poder ou não querer) (cf. Culioli & Paillard 1987).

Num balanço provisório, deparamo-nos com dois problemas:

(a) o que motiva o uso de dois tempos verbais diferentes com o mesmo lexema verbal (*vouloir*): o condicional em (3bB) e o imperfeito em (4a)?

(b) porque é que em certos contextos o imperfeito não pode comutar com o condicional?

### 3. Operações subjacentes ao imperfeito e ao condicional

Retomamos Sousa (1999) que, na sequência de Lebaud (1993), defende que o imperfeito é:

a) um marcador de translação, i.e., marca a construção de um localizador (ou sistemas de localizadores) a partir de um outro localizador: o localizador origem. Há, portanto, uma mudança de localizador. Verdadeiramente, o marcador da translação são as desinências que, como sabemos, são as mesmas para o imperfeito e para o condicional tanto em português como em francês:

b) um marcador de imperfectividade, i.e., marcador de uma situação vista do seu interior, sem ter em conta os pontos inicial e final<sup>4</sup>.

De acordo com Culioli (1995) e Merle (1998), a morfologia do condicional (infinitivo + *habere* no imperfeito) é reveladora dos valores de base deste tempo:

A) o infinitivo reenvia para os dois espaços topológicos do domínio notional (I interior em que se situam as ocorrências p, E exterior em que se situam as ocorrências «não-p» ou diferente de p, i.e., p' ou complementar linguístico de p). Propomos a representação seguinte:

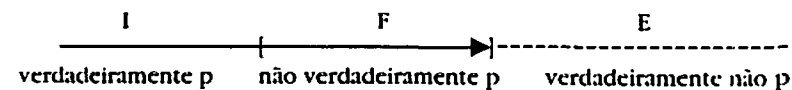


Fig. 1 - Representação do domínio notional

b) *habere* no imperfeito que é a marca de um localizador translato fictivo.

Em suma, as operações subjacentes ao condicional são a translação e a ruptura. Este tempo distingue-se, assim, do imperfeito pela sua propriedade de reenviar ao virtual (p, p') e por operar uma ruptura, i.e., uma não-localização: situa-se, então, num plano não conexo em relação a Sit<sub>0</sub> (Campos 1998).

Se retomarmos (2b) e (3bB), constatamos que, em relação ao português, o francês parece optar pela operação de ruptura, instaurando assim um maior distanciamento:

- entre o enunciador e a validação da relação predicativa (2b)
- ou entre o enunciador e o co-enunciador (3bB).

Numa tentativa de minimizar a força ilocutória do seu enunciado (pedido, conselho, desaprovação...), o locutor francês utiliza recorrentemente o condicional:

- (7) a. auriez-vous des lilas?  
 b. vous ne devriez pas boire d'alcool  
 c. pourriez-vous me rendre un service?  
 d. tu n'aurais pas dû y aller  
 e. j'aurais dû l'avertir

#### 4. Discurso relatado

Ainda na sequência da possibilidade de uso de imperfeito/condicional ocupar-nos-emos do discurso relatado. Este tipo de estrutura privilegia, na sua análise, uma abordagem transcategorial.

- (8) a. disseram-nos que o João voltava ontem (ex de Mateus et alia)  
 voltaria ontem

- (9) a. on nous a dit que Pierre rentrerait hier  
 rentrerait hier

Para Mateus et alia (1989: 78) *alguém dizer* é um subintervalo anterior a *João voltar*, por isso «o João voltar ontem é o futuro do passado e é expresso correntemente pelo pretérito imperfeito do indicativo e também pelo condicional». Os usos do imperfeito ou do condicional em (8a) não são temporais, no mesmo contexto poderíamos ter *voltava amanhã* ou *voltaria daqui a um mês*. O tratamento deste tipo de enunciados situa-se no cruzamento de duas categorias: aspecto e modalidade. Por um lado, há uma dissociação entre as instâncias de enunciação origem (Sit<sub>0</sub>) e de locução (Sit<sub>1</sub>), o locutor (S<sub>1</sub>) não

assume a validação de <João voltar>, lembrando o seu papel de co-enunciador numa situação de enunciação anterior em que um outro enunciador (S<sub>0</sub>) validou <o João voltar>. Além da não responsabilização do locutor pelo valor de verdade de <João voltar>, o locutor, ao utilizar o imperfeito, deixa em aberto todos os valores possíveis.

Em (8a), o imperfeito pode comutar com o condicional, sem que se gere não aceitabilidade. No entanto, a significação construída com o imperfeito ou com o condicional é diferente. Enquanto com o imperfeito o locutor é neutro em relação à *volta do João*, i.e. p,p' são equipossíveis, com o uso condicional o locutor visa o caminho que leva a p'.

#### 5. Construções hipotéticas do tipo *se p (então) q*

As observações que acabámos de fazer permitem-nos descrever e explicar o comportamento do imperfeito e do condicional em construções hipotéticas do tipo *se p (então) q*. Observemos a série de exemplos que se segue:

- (10) a. se fosse rico, dava à volta ao mundo  
 b. se fosse rico, daria à volta ao mundo  
 c. si j'étais riche, je ferais le tour du monde  
 d. \*si j'étais riche, je faisais le tour du monde

Note-se, em primeiro lugar, que uma das particularidades do imperfeito é de poder ocorrer em contextos em que, segundo os "puristas", se deveria empregar o condicional. De facto, como se pode ver pelos exemplos (10a) e (10b) acima transcritos, o imperfeito pode comutar com o condicional no membro apodíctico, o que não é o caso em francês (10c) e (10d).

Na prótase, o francês recorre ao imperfeito<sup>6</sup>, enquanto o português à semelhança de outras línguas românicas, utiliza o imperfeito do conjuntivo<sup>7</sup>.

Ao conjuntivo tem sido associado o valor modal de possibilidade. No quadro da teoria culioliana, tal modo implica uma operação de ruptura, já que «exprime uma mira (*visée*) do sujeito, corresponde a um percurso dos valores possíveis e à orientação para um deles, apenas com um valor possível, entre outros. O sujeito enunciador encontra-se impossibilitado de eliminar a alteridade, pelo que a relação predicativa não pode ser validada» (Oliveira 1998).

A utilização do imperfeito na prótase implica que, em francês, possam co-existir dois valores (cuja construção depende da inserção no enunciado de marcadores suplementares): o de potencial (10c)<sup>8</sup> e o de irreal (10c''):

- (10) c'. si j'étais riche (un jour), je ferais le tour du monde  
 c'' Si j'étais riche (mais je ne le suis pas), je ferais le tour du monde

Em português, devido às propriedades do conjuntivo, apenas é possível marcar o valor de irreal. Para construir o valor de potencial, teríamos que optar por outras formas:

- (11) a. se um dia for rico, dou a volta ao mundo  
b. quando for rico, dou a volta ao mundo

A ocorrência de *se* + futuro do conjuntivo permite, contrariamente ao que acontece com a co-ocorrência de *se*+ imperfeito do conjuntivo, a equiponderância de *p* e *p'*.

O futuro do conjuntivo não neutraliza a operação subjacente a *se*. Esta forma marca a construção do domínio dos valores possíveis do predicado (*ser rico, não ser rico*):

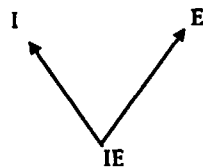


Fig.2

Ao utilizar *se/si*, o enunciador situa-se fora do domínio (IE). É esta posição que permite ao enunciador a construção dos caminhos possíveis, i.e. ou I ou E.

Os dois caminhos (*p* e *p'*) não são equipossíveis em enunciados em cuja prótase se combinam *se*+ imperfeito do conjuntivo. Num enunciado do tipo (10a) que apresentámos acima e que voltamos a transcrever aqui por comodidade de exposição:

- (10) a. se fosse rico, dava à volta ao mundo

o enunciador encara a validação de *dar a volta ao mundo* como dependente da validação da relação predicativa *ser rico*. Aparentemente, parece estar-se perante uma operação de mira. Porém, numa análise mais fina, apercebemo-nos de que a operação de mira é, à partida, uma operação "orientada". A ocorrência do imperfeito/conjuntivo na prótase implica, necessariamente, uma não equiponderação dos dois caminhos, dado que, neste contexto, «se *p* fosse o caso» implica que há exclusão de *p*: o valor em destaque será *p'* - não *p* ou outro que *p*. Concluindo, *p* e *p'* não estão em pé de igualdade: *se fosse rico, mas não sou! Si j'étais riche, mais je ne le suis pas!*

Este é o valor standard da construção em estudo (de Vogüé 1985). A forma tem valor hipotético: o localizador é construído em ruptura, na medida em que *p* tem somente o estatuto de uma hipótese, a partir da qual se exclui qualquer tipo de validação.

Com um contorno prosódico marcado, poder-se-á veicular um outro valor:

- (12) a. (A: Estás sempre a lamuriar-te... estás cheio de dinheiro!)  
B: Não brinques, se eu fosse rico, dava a volta ao mundo  
(não ficava aqui parado).

- b. Écoute, soyons sérieux, si j'étais riche, je ferais le tour du monde  
(je ne resterais pas dans ce trou à rats)

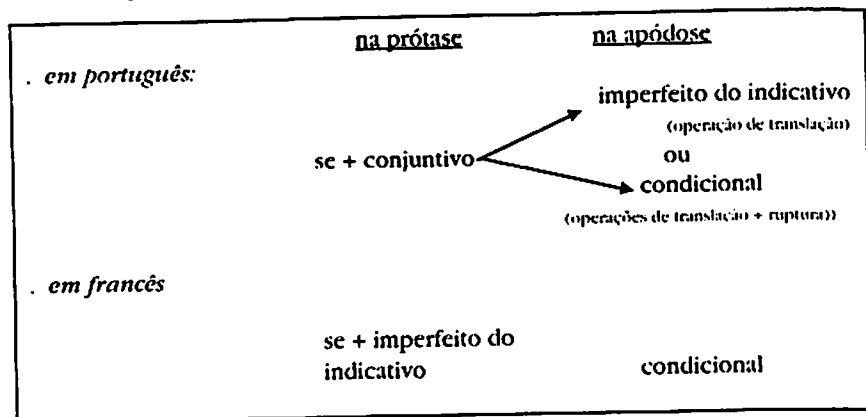
Neste enunciado, trata-se de mostrar a inépcia de *p* (de Vogüé 1985), i. e., a inépcia da prótase. O contorno prosódico e a introdução de formas que marcam, em contexto de interlocução, uma retoma (por parte do enunciador B) de um enunciado anterior controverso, construído pelo enunciador A, conferem ao enunciado um valor dialéctico (retomando a terminologia de de Vogüé 1985): a réplica de B refuta o conteúdo positivo da asserção construída por A.

Contrariando as conclusões a que acabámos de chegar, abrimos aqui um parêntese para apresentar um caso que se afasta da síntese proposta: nos exemplos analisados até aqui, verificámos que, além das diferenças de tempos verbais na prótase, na apódose também há diferenças: em português e, por exemplo em castelhano, utiliza-se o imperfeito do indicativo que aceita comutar com o condicional, enquanto em francês, na mesma posição, só podemos recorrer ao condicional<sup>9</sup>.

Quer se utilize o imperfeito do indicativo, quer se utilize o condicional na apódose, a relação predicativa é construída, em ambos os casos, como incerta, válida numa situação de enunciação distinta de Sit<sub>0</sub>. Se o imperfeito pode ocorrer, em português, no membro apodíctico sem gerar qualquer tipo de agramaticalidade, tal facto prende-se, parece-nos, com a utilização do modo conjuntivo na prótase. O emprego do condicional na apódose torna-se, neste caso, facultativo, pois teríamos, em cada um dos membros do enunciado hipotético, um tempo marcador de ruptura. Em francês, o emprego do condicional na apódose torna-se, pelo contrário, obrigatório, já que, na prótase, o imperfeito marca apenas a translação.

É possível representar o que acabámos de dizer através do seguinte esquema:

Quadro I - tempos verbais utilizados no enunciado hipotético



## 6. Para concluir

Na impossibilidade de, nesta ocasião, fazer uma análise visando a exaustividade, optámos por averiguar, dentro do leque de variabilidade dos valores modais que podem ter os dois tempos verbais em estudo uma invariância de funcionamento. O imperfeito marca uma operação de translação em que o enunciador desloca a origem da enunciação. Ao deslocar a origem, pode suplementarmente estabelecer uma ruptura que lhe permite a construção do fictivo. O imperfeito, a partir da localização fictiva, introduz a construção de possíveis. É, precisamente, a ruptura que faz com que tanto o imperfeito como o conjuntivo tenham um valor «(qui) n'est bien entendu nullement temporel (chronologique), mais modal, dans le sens où le contenu propositionnel de l'énoncé entre en contadiction avec ce qui «est le cas» en posant comme dépassée (acquise) une relation fictive» (Merle 1998: 122). Parece-nos ser possível concluir que, mesmo na linguagem oral, o locutor francês opta, mais frequentemente do que o locutor português por tempos verbais que operam uma operação de ruptura com o plano enunciativo. Esta ruptura com Sit<sub>0</sub> corresponde à marcação de maior distanciamento entre o enunciador (S<sub>0</sub>) e o sujeito do enunciado (S<sub>2</sub>). Tudo indica que este distanciamento seja mais marcado em francês do que em português: como refere, a este propósito, Salins (1996:185) «c'est donc la manifestation d'un acte rituel, caractéristique de la culture française. Son emploi [celui du conditionnel] fait savoir à autrui qu'on le considère avec respect, comme s'il était un «objet sacré», selon la définition que donne E. Durkheim de l'acteur social». Em português, verificámos, pelo contrário, que o imperfeito e o condicional apresentam características comuns que lhes permitem comutar, por exemplo nas construções hipotéticas. Estes dois tempos

apresentam, contudo, diferenças. Como dissemos atrás, o imperfeito marca uma operação de translação, o condicional, uma operação de ruptura. A operação de translação ocupa um lugar nitidamente mais importante na língua portuguesa. De facto, esta recorre a operadores de translação em contextos em que o francês recorre necessariamente à ruptura (cf. *supra*, exs (2b) ou (3bB)).

## Notas

1 No quadro teórico que enforma este trabalho, constrói-se a referenciação graças a um sistema de coordenadas cujos parâmetros são S (construção de um sujeito origem e de uma relação intersubjectiva) e T (localizador espaço-temporal) (Culioli 1999:167). Sit (S<sub>0</sub>, T<sub>0</sub>) é a situação de enunciação origem, criada pelo enunciador origem S<sub>0</sub> em T<sub>0</sub>. Em torno de Sit<sub>0</sub>, origem do sistema de localização, organizam-se as restantes coordenadas enunciativas, marcadas linguisticamente no enunciado, a saber: Sit<sub>1</sub> (S<sub>1</sub>, T<sub>1</sub>) designa a situação de enunciação relatada ou situação de locução. Estas coordenadas são localizadas em relação a Sit<sub>0</sub>. No caso de uma enunciação directa em que S<sub>1</sub> assume inteiramente a validação da relação predicativa, teremos S<sub>1</sub>=S<sub>0</sub>, T<sub>1</sub>=T<sub>0</sub>, e portanto, Sit<sub>1</sub>=Sit<sub>0</sub>; Sit<sub>2</sub> (S<sub>2</sub>, T<sub>2</sub>) designa a situação da relação predicativa ou do acontecimento linguístico, definida pelos parâmetros, sujeito do enunciado S<sub>2</sub>, e T<sub>2</sub>, tempo do enunciado. Entre T<sub>2</sub> e T<sub>0</sub> podem ser construídos localizadores intermédios (T<sub>1</sub>, T<sub>1</sub>,...) para dar conta de relações temporais mais complexas. Importa salientar que os valores da relação de localização entre T<sub>2</sub> e T<sub>0</sub> (ou T<sub>1</sub>, localizador intermédio) podem ser de simultaneidade, de anterioridade ou de posterioridade. Tome-se como exemplo o conjunto de enunciados que se segue: (i) (eu digo) *a Ana tocou piano*; (ii) (eu digo) *a Ana vai tocar piano*; (iii) (eu digo) *a Ana está a tocar piano*. Em (i), (ii) e (iii), T<sub>2</sub> está localizado em relação a T<sub>1</sub> (sendo *eu digo* marcador dessa relação) que, por sua vez, está localizado em relação a T<sub>0</sub>. Em (i), (ii) e (iii), a relação é de identificação entre T<sub>1</sub> e T<sub>0</sub>, a relação entre T<sub>1</sub> e T<sub>2</sub> é de diferenciação em (i) e (ii) e de identificação em (iii). Nestes enunciados, a relação entre o localizador e o localizado é de localização, isto é, o acontecimento linguístico está situado em relação a Sit<sub>0</sub>. Porém, a relação entre localizador e localizado pode ser de não localização. Tal acontece, por exemplo, quando o acontecimento é construído não como único, mas como múltiplo: (iv) *a Ana toca piano quando/sempre que está aborrecida*. Diz-se, neste caso, que há construção de um valor aorístico, a coordenada temporal T<sub>2</sub> que valida a relação predicativa <a Ana tocar piano> não é localizada em relação ao momento de enunciação T<sub>0</sub>, mas em relação a um localizador intermédio construído intratextualmente que corresponde a outro acontecimento linguístico (*quando está aborrecida*).

2 O pretérito imperfeito em português tem, grosso modo, dois tipos de emprego: temporal, em que não é substituível pelo condicional e modal, em que de um modo geral, pode comutar com o condicional:

- (1) a. devias ir ao barbeiro
- b. deverias ir ao barbeiro
- c. quando eras miúdo ias ao barbeiro

d. \*quando eras miúdo irias ao barbeiro  
 Repare-se que o teste de comutabilidade com o condicional não se aplica a todos os empregos modais do imperfeito:

- (ii) a. gostava que me desse um café  
 b. gostaria que me desse um café  
 c. queria que me desse um café  
 d. \*quereria que me desse um café  
 e. passava-me o sal, por favor?  
 f. ??passava-me-ia o sal, por favor?

3 O domínio nocional - notação (p,p') - corresponde ao domínio de ocorrências de uma noção. O domínio nocional de uma noção de tipo lexical ou predicativa comporta uma topologia. Este espaço topológico comporta um interior (I) no qual se situam dois pontos abstractos: o centro organizador e o centro atrator. São identificadas em relação a esses pontos as ocorrências que, correspondem, respectivamente, à expressão do valor tipo (contém todas as propriedades definitórias da noção) e do valor de alto grau (valor de excelência). O domínio nocional (p,p') comporta ainda um outro espaço, o exterior (E). Nesta zona, situam-se as ocorrências «não-p», «diferente de p» (Culioli 1990: 61-62). /p'/ é o complementar linguístico de /p/.

4 Note-se que a presença dos verbos *venir/vouloir* + infinitivo de *demander* é relevante na construção da significação. As propriedades semânticas destes dois verbos combinadas com o imperfeito garantem a construção da distância pretendida. Não poderíamos omitir nenhum destes verbos:

- (4) a' je vous demandais un petit service  
 a'' je voulais un petit service  
 b' Je vous demandais si vous ne pouviez pas baisser un peu le son  
 b'' Je venais si vous ne pouviez pas baisser un peu le son

Como vemos, estas sequências são inaceitáveis porque não há construção de um pedido por parte do enunciador.

5 Devido às acentuadas clivagens que se podem observar entre certos autores no tratamento da categoria gramatical aspecto (valores aspectuais considerados, meios de expressão do aspecto, terminologias usadas, entre outras), convém proceder ao estabelecimento de algumas distinções fundamentais. Particularmente relevante para o estudo dos fenómenos aspectuais é a distinção aceite por muitos autores (Pollak 1976, De Both-Diez 1985, Comrie 1989, Campos 1993, 1994 ou Co Vet 1994) entre, por um lado, aspecto perfectivo que encara o processo como um bloco que inclui os seus próprios limites e o aspecto imperfectivo que remete para um processo encarado no seu desenvolvimento, sem limites (Comrie 1976: 12, 16, 24; Campos 1989: 203 e ss.). Sem a pretensão que seria desmesuradamente ambiciosa de refazer, neste trabalho, o debate sobre as vantagens (cf. Campos 1998: 203) e/ou desvantagens (cf. Barroso 1994; Dahl 1985) que residem na consideração bipolar (perfectivo/imperfectivo), própria das línguas eslavas, no sistema aspectual das línguas românicas, não podemos deixar de referir que os

conceitos desta dicotomia afiguram-se-nos mais operatórios do que as designações *acabado/ inacabado* habitualmente usadas para o aspecto gramatical. De facto, se considerarmos, por exemplo, que a perfectividade de uma situação é independente do seu valor temporal (nada impede, de facto, que um acontecimento localizado com valor de posterioridade em relação a um ponto localizador seja, a partir desse ponto, perspectivado como um todo fechado e completo), então parece-nos conveniente adoptar designações que sejam neutras em relação aos valores temporais e excluir, pelo contrário, designações que implicitam valores temporais de pretérito, como é o caso com a dicotomia *acabado/ inacabado*.

6 O francês antigo recorria, também, ao conjuntivo no membro protático. De facto, como refere, a este propósito, Barral (1980: 87), «le subjonctif (présent, imparfait, plus-que-parfait) dans le système des hypothétiques du latin, était employé pour expliciter le potentiel ou l'irréel du présent ou du passé. Le français n'a pas hérité intégralement de ce système». Importa lembrar que «des emplois du subjonctif hypothétique, le français moderne n'a gardé que celui du plus-que-parfait qui a survécu à la concurrence du conditionnel passé: il eût réussi/il aurait réussi» (*ibid*: 83). Capello (1986: 34) tem o cuidado de sublinhar que o imperfeito do indicativo foi utilizado muito cedo na prótase, tendo-se imposto definitivamente no decorrer do sec. XVI, em detrimento das formas do conjuntivo.

7 Vejamos, por exemplo, o que acontece com o castelhano e o italiano: *si tuviera dinero, me compraría una casa* (ex. De Chevalier et alii 1982: 13), *se fossi più glorioso, verrei con voi*

8 Note-se, contudo, que a interpretação potencial de (10c) torna-se mais evidente se utilizarmos, na prótase, o presente gramatical e o futuro simples na apódose: *si je suis riche (un jour), je ferai le tour du monde*. Como refere, a este propósito, Tomassone (1996: 180), em enunciados deste tipo «le locuteur ne se prononce pas sur la vérité ou la fausseté de cette hypothèse, les deux interprétations restent ouvertes, possibles»: de facto, quando ocorre, na prótase, uma forma verbal no presente, o enunciador visa essencialmente p, sem no entanto excluir p'. Em português, em enunciados do tipo *se vais à feira de Celorico, traz-me um queijo*, não há, verdadeiramente, construção hipotética. Neste tipo de enunciado, estamos perante uma operação de retoma: numa enunciação anterior foi construído *vou à feira de Celorico*, o co-enunciador retoma esta enunciação para construir (então) *se vais à feira de Celorico, traz-me um queijo*. Se, neste enunciado, pode ser glosado por *dado que, visto que*.

9 Note-se, no entanto, que há construções em que o imperfeito ocorre na apódose, tal como acontece em português. Contudo, este uso só é possível em francês na linguagem oral em contextos particulares caracterizados por uma entoação não assertiva nitidamente marcada. É o que ressalta dos exemplos seguintes:

- (i) A: Ce week-end à Besançon, il a fait très beau B: Il pleuvait, je partais dans le sud!  
 (ii) A: Alors tu vois! Denis n'a pas chanté B: Il chantait. Antoine piquait sa crise (exs de Lehaud 1993: 167).

À semelhança do que acontece em francês, verifica-se, no italiano falado, uma tendência para a utilização do pretérito imperfeito na prótase e na apódose, sem elipse do *se*: *se la mi nonna aveva le rote, era un carretto*

### Referências bibliográficas

- BARRAL, M., 1980, *L'imparfait du subjonctif. Étude sur l'emploi et la concordance des temps du subjonctif*, Paris, Editions A.& J. Picard.
- BARROSO, H., 1994, *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo, visão funcional/sincrónica*, Porto, Porto editora.
- CAMPOS, M. H. C., 1993, *Semântica e enunciação. Conteúdos programáticos, métodos, referências*, Universidade Nova de Lisboa.
- CAMPOS, M. H. C., 1996, «Para uma interpretação de alguns fenómenos aspectuais» in Duarte, I. & I. Leiria (orgs) *Actas do Congresso Internacional de Português*, Lisboa, Colibri: 77-93.
- CAMPOS, M. H. C., 1998, *Dever e Poder um Subsistema Modal do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT.
- CAPELLO, S., 1986, «L'imparfait de fiction» in P. Le Goffic (ed), *Points de vue sur l'imparfait*, Caen, Centre de Publications de l'Université de Caen: 31-41.
- CHEVALIER, J-C. et alii, 1982, «De l'hypothèse en espagnol», *L'information grammaticale*, 13: 12-16.
- COMRIE, B., 1976, *Aspect*, Cambridge, Cambridge University Press.
- COMRIE, B., 1989, «Perfectif et téléique», *Travaux de Linguistique*, 19: 57-66.
- CULIOLI, A., 1995, «Qu'est-ce qu'un problème en linguistique? Etude de quelques cas» *Cahiers de l'ILSL*, 6: 7-15
- CULIOLI, A., 1999, *Pour une Linguistique de l'Enonciation: Formalisation et Opérations de Repérage*, Paris, Ophrys.
- CULIOLI, A. & D. PAILLARD, 1987, «A propos de l'alternance imperfectif/perfectif dans les énoncés impératifs» *Revue des Etudes Slaves*, LIX/3: 527-539
- DAHL, O., 1985, *Tense, and aspect systems*, Oxford, Basil Blackwell
- DE BOTH-DIEZ, A.-M., 1985, «L'aspect et ses implications dans le fonctionnement de l'imparfait, du passé simple et du passé composé au niveau textuel» *Langue Française*, 67: 5-21.
- LEBAUD, D., 1993, «L'imparfait: indétermination aspectuo-temporelle et changement de repère» *Le Gré des Langues*, 5: 160-176.
- MARTIN, R., 1991, «Types de procès et systèmes hypothétiques. De l'aspect *de re* à l'aspect *de dicto*» in C. Fuchs (ed), *Les typologies des procès*, Paris, Klincksieck: 87-95.
- MERLE, J.-M., 1998, «De la projection hypothétique à l'atténuation conditionnel français *vs.* Would+BV», *Linguistique Contrastive et Traduction* 4:117-185.
- OLIVEIRA, M. T., (no prelo) «O conjuntivo nas construções relativas com valor referencial» in *Actas do Colóquio Internacional sobre o Português* (Berlim, Março de 1998)
- POLLAK, W., 1976, «Un modèle explicatif de l'opposition aspectuelle: le schéma d'incidence», *Le français moderne*, 44: 289-311.
- SALINS, G.-D., 1996, *Grammaire pour l'enseignement/aprentissage du FLE*, Paris, Didier.
- SOUSA, O., 1999, «O pretérito imperfeito do indicativo: do discurso das gramáticas a uma linguística das operações» in Bernardo Sanda e Vanda Menezes (orgs) *Actas do VIII Congresso da ASSEL*, Rio de Janeiro, UFRJ: 473-480.
- TOMASSONE, R., 1996, *Pour enseigner la grammaire*, Paris, Delagrave.
- VET, C., 1994, «Petite grammaire de l'Aksionsart et l'aspect» *Cahiers de Grammaire*, 19: 1-17.
- VOGÜÉ, S. de 1986-87, «La conjonction *si* et la question de l'homonymie», *BULAG*, 13: 105-189.
- WILMET, M., 1983, «L'imparfait dit forain», *Romanica Gadensia*, 20: 159-167.